

**D**esde os rituais da caça do Homem do Paleolítico aos novos hábitos dos cultivadores da terra do Neolítico, alguns elementos estruturais têm-se mantido, embora modificados, até aos nossos dias, segundo Mircea Eliade.



Com a "revolução" da descoberta da agricultura (entre c. 9 000 e 7 000 a. C.), no Neolítico, ocorreram algumas modificações significativas na forma de os seres humanos

---

<sup>1</sup> Ana Paula Machado é doutorada em Estudos Ingleses e Americanos pela Universidade Aberta. É docente na Universidade Aberta, onde lecciona as unidades curriculares Estudos Europeus I e II, na Licenciatura em Estudos Europeus, da qual é Coordenadora, e as unidades curriculares Inglês I e II, em vários cursos de 1º ciclo. Lecciona Temas do Pensamento Europeu, no Mestrado em Estudos sobre a Europa. Leccionou unidades curriculares versando sobre as literaturas e culturas dos índios norte-americanos e canadianos. Foi bolsista da FLAD e do International Council for Canadian Studies, em várias ocasiões, tendo efectuado pesquisa em universidades nos Estados Unidos e no Canadá. Tem publicado vários artigos em revistas nacionais e internacionais e participado em congressos e colóquios em universidades nacionais e estrangeiras. Colabora em projectos de investigação no Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Universidade Católica Portuguesa.

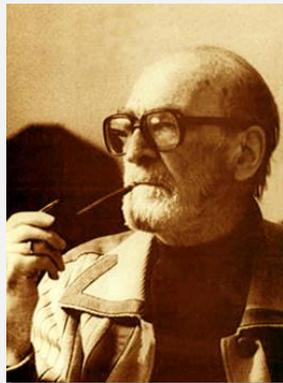
estruturarem o pensamento em relação ao cosmos e de se organizarem, enquanto comunidade.

As suas mitologias em torno das origens das plantas comestíveis apresentam estas como seres sagrados, originalmente oferecidos aos seres humanos, através do sacrifício de um ser divino, de cujo sangue, ou corpo, terão brotado, garantindo, assim, a continuidade da espécie humana. Através da morte do ser divino, veio a vida e a salvação para os seres humanos. Não posso deixar de assinalar que, neste ponto, existe uma semelhança com o Cristianismo, contudo, não irei, por ora, debruçar-me sobre esse aspecto.

Diz-nos Mircea Eliade o seguinte:

*As culturas agrícolas elaboram o que podemos chamar **religião cósmica**, uma vez que a actividade religiosa está concentrada em torno do mistério central: **a renovação periódica do Mundo**. (44)*

Esta vivência do tempo cósmico, sobretudo derivada da periodicidade e renovação dos trabalhos agrícolas, está na base do conceito de **tempo circular** e de **ciclo cósmico**. O **ciclo cósmico** implica a repetição *ad infinitum* do mesmo padrão: **nascimento, morte, renascimento**.



Mircea Eliade

Eliade alerta-nos para a influência que estas ideias arcaicas tiveram nos tempos subsequentes:

*As cosmologias, escatologias e messianismos que vão dominar durante dois milénios o Oriente e o mundo mediterrânico têm as suas raízes nas concepções dos neolíticos. (46)*

Refere-se também este estudioso das ideias e crenças religiosas à importância que as valorizações religiosas do espaço, isto é, das aldeias e da própria habitação, adquiriram durante este período: o espaço onde o ser humano vive torna-se o "Centro do Mundo". A aldeia e a habitação são uma *imago mundi*.



**Imago Mundi**

A repetição ritualista dos mitos cosmogónicos, que iremos encontrar ao estudar a Mesopotâmia, por exemplo, enquadra-se nesta visão de ciclo cósmico, de periódica renovação e renascimento. Ao recitar ou representar o mito cosmogónico, o ser humano está a recriar o mundo, dentro desse ciclo do tempo.

Esta visão de tempo circular partilhada por inúmeras sociedades arcaicas irá ser alterada pelo judaísmo, que, como sabemos, irá privilegiar o tempo linear, a cronologia, uma vez que a sua será uma "história sagrada".

Na antiga Suméria, as cidades e os templos constituíam também uma *imago mundi*, aliás, as cidades eram **cidades-templo**, sendo a sua planta, assim como a dos templos, comunicada directamente ao soberano pelos deuses. A instituição da realeza era, ela também, de origem divina. Este modelo transcendental do templo e da cidade sumérica equivaleria a

um arquétipo pré-existente no mundo divino, sideral, estelar. Esta crença numa pré-existência celeste das obras e das instituições conhecerá a sua mais famosa expressão na doutrina platónica das Ideias (62), embora seja encontrada, pela primeira vez, nos documentos suméricos.

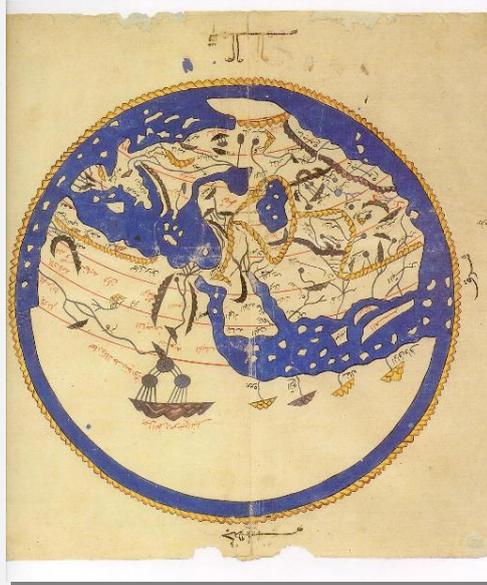


Imagem do mundo de Al Idrissi para o Rei Normano Rog (1456)

Outro tema sumérico e acádico que irá surgir noutras religiões é o das Águas Primordiais, a partir das quais se dá a criação do mundo. É um tema comum em cosmogonias arcaicas e pode encontrar-se também no *Génesis*, embora ligeiramente diferente (1:1-2 e 1:3).

A tríade dos Grandes Deuses suméricos, ou tríade suprema Anu, En-lil, Ea (Sol, Lua, Estrela) também, de certo modo, prenuncia determinados conceitos desenvolvidos pelo judaico-cristianismo. O tema do Dilúvio é igualmente encontrado em documentos acádicos e suméricos e na famosa epopeia *Gilgamesh*, que apresenta muitas analogias com o relato bíblico. Trata-se, no entanto, de um tema bastante difundido em todos os continentes, que tem em comum o padrão ou *leitmotif* de uma humanidade decaída, de um mundo velho, que é

destruído e submerso pelas águas, dando lugar a um novo mundo e a uma nova humanidade, como que esboçando o velho padrão cíclico de nascimento-morte-renascimento.



Gilgamesh

O facto de podermos situar na Suméria a existência destes mitos antigos que, por sua vez, serão um registo de outros mitos arcaicos, ainda mais antigos, transmitidos oralmente, deve-se à utilização da escrita, uma vez que os documentos escritos mais antigos que se conhecem provêm da Suméria. Aliás, o sumério manteve-se como língua litúrgica por mais de quinze séculos, mesmo após já não ser falado há mais de 2000 anos, o que nos faz lembrar o papel desempenhado pelo latim, sânscrito, hebraico e eslavo antigo, em outras culturas.

A visão mesopotâmica da existência era pessimista, senão trágica, como bem ilustra a epopeia *Gilgamesh*, que apresenta a condição humana como sendo definida pela inevitabilidade da morte, uma situação que o ser humano não pode modificar, centrando-se, por isso, a sua actividade religiosa, na esfera da vida.

A primeira ideia de império de que temos conhecimento provém também da Suméria, quando Lugalzaggisi, soberano de Uma reuniu a maior parte das cidades-templo suméricas (c. 2375) e Sargão, rei da Acádia depois repetiu o feito, mais consistentemente. Após várias invasões bárbaras, Hamurabi, rei da Babilónia, uniu de novo o Império (c. 1700).

As antigas cidades-templo passam a **cidades-estado** e a **império**, o que se torna bastante significativo para a história do Médio Oriente e do Ocidente.

Contam-se entre os legados acádicos as técnicas divinatórias, as práticas mágicas e disciplinas ocultas, em especial a astrologia, que irão tornar-se populares em todo o mundo mediterrânico e asiático.

Os principais herdeiros dos mitos da criação do mundo e do dilúvio terão sido os Judeus, enquanto que o pessimismo e o determinismo mesopotâmicos terão influenciado a filosofia estóica. Por outro lado, as técnicas da adivinhação e a adoração dos planetas como deuses terão estado na base das práticas romanas.

Outros elementos, como o ano de 12 meses, a semana de 7 dias, os doze números no relógio, a crença nos horóscopos, os doze signos do Zodíaco, o cultivo da terra de acordo com as fases da lua, o círculo de 360º, o processo aritmético da multiplicação, formam parte do legado cultural da Mesopotâmia ao mundo ocidental.

Com o Egípcio, começa uma nova página na história do pensamento humano. No IV milénio a. C., os contactos com a civilização sumérica vão influenciar profundamente o desenvolvimento do que viria a ser a civilização egípcia. Assim, os Egípcios adoptam várias técnicas suméricas, tais como a construção de barcos, a arte de construir com tijolos, vários motivos artísticos e, acima de tudo, **a escrita**.

Contrariamente aos Sumérios, os Egípcios colocam o *post-mortem* no centro da sua mundivisão. Assim, a morte e o além-túmulo preocuparam os Egípcios mais marcadamente do que os outros povos do Médio Oriente. À excepção dos Persas, foram o único povo antigo a erigir uma religião nacional em torno da imortalidade da alma (Burns: 73). Não tinham grandes cidades e o Faraó – um deus encarnado – dirigia um país rural; o Faraó não representava apenas um deus, como na Suméria – ele **era** um deus.

A fundação do estado egípcio equivalia a uma cosmogonia (criação do mundo); e o Faraó, tal como os deuses, era imortal, sendo a sua morte apenas a transladação para o Céu. Esta simples ideia explica muita da complexidade do processo de mumificação e de todo o ritual fúnebre, em torno do Faraó.



Templo de Ptah, Luxor, Egípto

De acordo com a mais antiga cosmogonia egípcia conhecida (I Dinastia – Menfita, c. 3000 a. C.), o deus Ptá cria o mundo com o seu espírito e o seu verbo. A cosmogonia é, assim, efectuada através do poder criador do pensamento e da palavra de um único deus. Como vários pensadores observaram, foi no começo da história egípcia que se esboçou esta doutrina semelhante à teoria cristã do **Logos**. (Eliade: 87)

Por outro lado, a morte do Faraó constituía apenas a sua passagem para uma outra esfera mais significativa – era um renascimento no mundo sideral, uma ponte para a sua viagem celeste. Neste contexto, Osíris, o deus assassinado e renascido, desempenhava um papel fundamental de modelo e arquétipo do percurso do Faraó, após a morte. O Céu era imaginado como uma Deusa-Mãe, onde o morto devia nascer pela segunda vez (Eliade: 91).

Durante as crises do Médio Império (c. 2040-1730 a. C.), assiste-se à democratização de Osíris, que se torna o modelo exemplar, não só do soberano, mas também de cada indivíduo. As ligações entre os cultos egípcios e os mistérios helenísticos de Ísis e Osíris parecem evidentes. No Novo Império, XVIII Dinastia (1562-1308 a. C.), dá-se a "solarização" do deus Amon, que passa a ser o deus universal, adorado como deus supremo. Cria-se uma classe de sacerdotes com poderes políticos, assistindo-se a uma politização excessiva e à instituição de uma **teocracia** (o poder, emanado da divindade, é exercido pelos sacerdotes).

Surge então um momento único na história do Egípto antigo: A "revolução" de Akhenaton (1375-1350 a. C). O jovem Faraó Akhenaton resolve aniquilar o poderio dos sacerdotes e promover o deus Aton, o disco solar, a única divindade suprema.

Muda a capital de Tebas para Akhetaton (hoje Tell-el-Amarna) e constrói templos descobertos para a adoração do Sol, na sua plenitude. Adota um estilo naturalista nas artes figurativas e dá preferência à espontaneidade e à expressão de afectos naturais, deixando de parte a etiqueta e o convencionalismo nas relações com os membros da sua família e com os seus íntimos. Apoiando-se no valor religioso que atribuía à verdade (*ma'at*), promove uma autêntica revolução das crenças e dos costumes. *Ma'at* (a verdade) representava também tudo quanto era natural, justo e conforme aos ritmos da vida.

Vários são os elementos das doutrinas de Akhenaton que poderíamos identificar com alguns aspectos fundamentais do pensamento europeu. O principal será, porventura, o facto de a "revolução" de Akhenaton ser considerada (não sem controvérsia) o primeiro evento de uma religião monoteísta, no Médio Oriente e no mundo mediterrânico.

Os hinos a Aton são de uma enorme beleza, sendo frequentemente comparados ao Salmo 104 da Bíblia. Aliás, muitos estudiosos têm chamado a atenção para a analogia entre o judaísmo e o monoteísmo solar de Akhenaton. Por outro lado, não se exclui a hipótese de o jovem Moisés, que cresceu na corte egípcia, ter tido conhecimento da reforma de Akhenaton.

Apagada a reforma de Akhenaton, sob a égide do novo Faraó, Tutankhamon (c. 1357-1349 a. C.), foram restabelecidas as funções dos sacerdotes e o culto a Amon, e Tebas voltou a ser a capital do Império, algo enfraquecido durante o reinado de Akhenaton. No seu crepúsculo, a civilização egípcia será dominada pelas crenças e práticas mágicas, sobretudo baseadas no poder criativo do verbo, tal como presente na cosmogonia menfita (deus Pt'a, a que acima aludimos).

Na Pérsia, terá nascido a primeira religião revelada do mundo ocidental – o Zoroastrismo (669 a. C.). As doutrinas e práticas religiosas resultam, neste caso, de uma revelação directa de um deus a um ser humano escolhido (Zoroastro). Esta religião tencionava purificar as crenças populares, eliminar o politeísmo e pôr fim às práticas de magia, de

sacrifícios de animais e outros. Tratava-se de uma doutrina dualística, que postulava que o universo era regido por duas forças – uma boa e outra má.



**Templo de Zoroastro em Yazd (Irão)**

Era uma religião escatológica, isto é, acreditava na vinda de um Messias, na ressurreição dos mortos e num julgamento final, indo os bons para o Paraíso. Os seus adeptos eram possuidores de verdade, oculta para a maioria, mas presente nos escritos sagrados que desceram dos céus: o *Avesta*.

O Zoroastrismo conta-se entre as religiões reveladas e com livros sagrados, das quais fazem parte também o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo.

Um dos mais antigos cultos inspirados pelo Zoroastrismo foi o Mitraísmo, do qual faziam parte rituais de iniciação, tais como o baptismo, a refeição sagrada de pão, água e vinho, a queima de incenso, o culto de 24 e 25 de dezembro (solstício de inverno), associados ao Sol, aliado de Mitra. Podemos observar vários traços em comum com o que viria a ser o Cristianismo, tendo-se, inclusivamente, tornado o principal concorrente deste, em Roma, onde foi introduzido, um século antes de Cristo.

Mais tarde, surge um outro ramo do Zoroastrismo, o Maniqueísmo, inspirado pelo seu sacerdote Mani (250 d. C), que via o universo como estando dividido em dois reinos, um bom e o outro mau; os seres humanos teriam sido gerados pelo Mal, embora as suas almas tivessem sido criadas pelo Bem, por Deus. Viam a natureza humana como sendo má. O Maniqueísmo

iria fortalecer as teorias cristãs do pecado original e da depravação do ser humano e contribuir para o asceticismo cristão.

Santo Agostinho era originalmente maniqueu, o que poderá ter estado na origem dos padrões éticos que, tal como outros Padres da Igreja, veio a defender e estabelecer. A heresia Albigense (séculos XII e XIII) terá tido por base o maniqueísmo.

Também o Gnosticismo (século I d. C) se desenvolveu a partir do Zoroastrismo, tendo atingido o seu auge na 2ª metade do século II. Era um culto místico, que acreditava que as verdades da religião estavam fora do âmbito da razão, sendo secretas. A sabedoria era revelada por Deus e altamente esotérica. A influência dos cultos persas, assentes no Zoroastrismo, foi muito grande, quer no Cristianismo dos primeiros séculos<sup>2</sup>, quer nas teorias místicas dos neo-platónicos.

O Judaísmo é também uma religião revelada, que assenta num livro sagrado. Algumas das suas características fazem dela algo de único na história do Ocidente. Tal como Eliade refere:

*A transformação das estruturas religiosas de tipo cósmico em acontecimentos da história santa é característico do monoteísmo jeovista, e será retomada e continuada pelo cristianismo. (165)*

Por outro lado, Jeová é concebido como exclusivamente antropomorfo e, embora tenha características humanas (qualidades e defeitos), não apresentar as fraquezas dos deuses homéricos e não aceita ser ridicularizado como certos deuses do Olimpo; não tem uma família, mas sim uma corte celeste, sendo só e único (167); solicita aos fiéis uma obediência, perfeição e pureza absolutas; dita a Moisés o Código da Aliança e oferece-lhe as "duas tábuas do Testamento, feitas de pedra e escritas pelo seu dedo" (31:18).

A guerra realizada em seu nome contra os outros povos constitui uma "guerra santa", estando os Hebreus mais interessados na sua "história santa", ou seja, nas suas relações com Deus, do que nos mitos cosmogónicos ou na origem da morte.

---

<sup>2</sup> Ver a obra de Elaine Pagels, *The Gnostic Gospels*, London: Weidenfeld & Nicolson, 2013 [<sup>1</sup>1989].

No entanto, os mitos relacionados com esses temas apresentam algumas características idênticas ao que encontramos nas culturas que estudámos. Por exemplo, na abertura do *Génesis*, temos: *No princípio criou Deus (Elohim) o céu e a terra. A terra, porém, estava vazia e nua, as trevas cobriam o abismo e o espírito de Deus fluava sobre as águas (1:1-2)*. Tal como Eliade salienta (152), esta imagem das águas primordiais é muito arcaica e já a encontramos na Suméria, como vimos. Acresce que, tal como nos mitos da antiga Mesopotâmia, a criação é efectuada pelo poder do verbo divino.

No outro relato (jeovista) do mito da criação, existem algumas diferenças, embora a água primordial também esteja presente. Nesta versão, o homem (Adão) é modelado no barro por Jeová, que depois insufla o sopro da vida nas suas narinas (2: 5s). Este tema da criação do primeiro homem com barro já estava presente na Suméria.

Eliade vê uma "imortalização" malograda no episódio da tentação da serpente no Éden, tal como na epopeia mesopotâmica *Gilgamesh*, e afirma:

*[...] a serpente do Génesis afinal de contas teve sucesso no seu papel de "guardiã" de um símbolo de Vida ou de juventude. (154-5)*

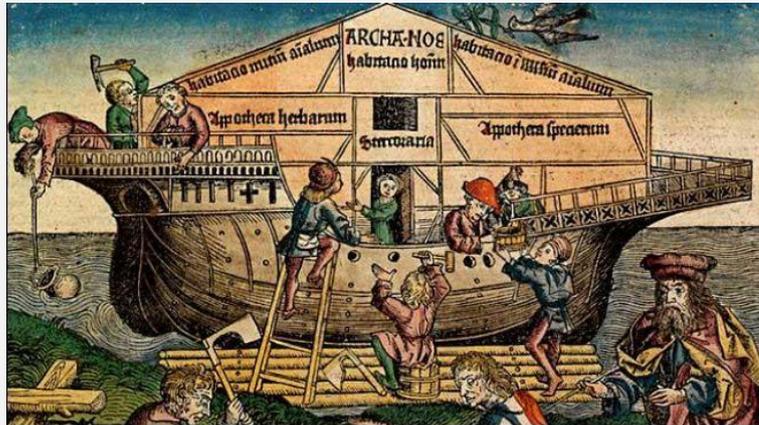
Mas esse "fracasso iniciático" de Adão foi modificado na Bíblia e interpretado como uma punição de um orgulho diabólico – o desejo de se assemelhar a Deus (que culminará mais tarde no episódio da Torre de Babel).

Também o dilúvio bíblico, embora ecoe os seus antecedentes mesopotâmicos, ergue-se à categoria de "história sagrada". Faz parte do génio religioso de Israel transformar as relações do povo eleito com Deus numa "história sagrada" nacional (159), que se irá revelar, mais tarde, através do Cristianismo, um modelo exemplar universal.



### Posfácio

Na breve sùmula que acima apresentei, muito esquemática e despretensiosamente, deixei em aberto algumas temas para futuro aprofundamento. Pretendi salientar as raízes milenares do nosso pensamento actual, tendo sempre em conta que, parte do legado que recebemos dos nossos antepassados passa pelo espírito religioso e pela sacralidade, mesmo nas sociedades dos nossos dias, altamente secularizadas e, aparentemente, dessacralizadas. É como se, apesar de todos os argumentos contra, essas ideias e esses elementos permanecessem nas nossas células, qual ADN colectivo e cultural.



### Bibliografia:

Burns, Edward McNall. *História da Civilização Ocidental: O Drama da Raça Humana*. Vols. I, II. Porto Alegre: Globo, 1977.

Eliade, Mircea. *História das Ideias e Crenças Religiosas*. Vols. I, II, III. Porto: Rés-Editora, s. d.

Pagels, Elaine. *The Gnostic Gospels*. New York: Vintage Books, 1981, [1979].

Prélot, Marcel. Georges Lescuyer. *História das Ideias Políticas*, Vols. I, II. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

Russ, Jaqueline. *A Aventura do Pensamento Europeu*. Lisboa: Terramar, 1998.